

ENSAIO TEÓRICO EMPÍRICO SOBRE AS DIFERENÇAS: A TÊNUE LINHA DA NORMALIDADE

PRISCILA LAUTENSCHLÄGER¹; JOSÉ RICARDO KREUTZ²

¹*Universidade Federal de Pelotas – prilautenschlager@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – jrkreutz@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

O trabalho que segue é um dos resultados das ações do Projeto de ensino intitulado Monitoria em Psicologia das Diferenças, codificado na PRG com o nº 2082016, que tinha por objetivo acompanhar as produções dos acadêmicos matriculados na disciplina seguindo o rigor da reflexão filosófica exigida na interface entre o cotidiano de violação dos direitos humanos e os conceitos da diferença. O recorte específico desta interface pode ser descrita como sendo a análise do filme Garota, Interrompida (1999), abordando o viés filosófico entre o normal e o patológico. Utilizando-se do filme que trata a história em primeira pessoa, visa-se gerar empatia no leitor através da visão de mundo da personagem principal, para então suscitar a questão da normalidade imposta socialmente. Este ensaio propõe principalmente problematizar o normal x patológico por meio de uma cena real retratada no filme em questão.

2. A CENA

A cena pensada para análise do tema proposto é o questionamento emitido pela personagem Susanna Kaysen na última cena do filme “Garota, Interrompida” (1999), onde após passar dois anos em um hospital psiquiátrico devido a não ser compreendida pela sociedade dos anos 60 a qual pertencia, recebe alta e faz uma reflexão acerca do tempo em que esteve internada: “Será que um dia fui louca? Talvez. Ou talvez a vida é que seja. Ser louco não é estar quebrado, ou engolir um segredo sombrio. É como você ou eu, amplificado...”.

Apesar de a cena contextualizar o problema deste ensaio, todo o filme merece destaque, sendo o filme em si a cena problematizadora. Ele mostra a vida da personagem Susanna em primeira pessoa, favorecendo a empatia do espectador, razão pela qual ilustra a discussão proposta sobre o normal x patológico. Susanna é uma jovem de 18 anos recém-saída do colegial, enfrentando o dilema do começo da vida adulta. Ela é mais perceptiva e lúcida a respeito do mundo que a cerca do que os demais, por isso incompreendida por seus pais, amigos e professores, o que acaba gerando um desajuste comportamental, ela passa então, a pensar demasiadamente sobre a morte.

Para este ensaio, é importante conhecer a concepção naturalista da patologia, pois ela enxerga esta patologia como uma dinâmica intrínseca ao ser humano, ou seja, um processo natural de organização do ser, uma luta contra a homeostase e ao mesmo tempo uma busca por ela. A natureza encontraria os meios para a cura, de forma que as desordens do ser, além de naturais, seriam altamente funcionais devido a ser, tanto uma luta do organismo contra um ser estranho, como uma luta interna de forças que se afrontam. (CANGUILHEM, 2006)

Na cena recordada, onde Susanna reflete sobre a doença que a colocou dentro de um hospício, fica explícito seu conflito interno a respeito da dúvida sobre

ter sido louca um dia, e também o conflito social, o organismo lutando contra um ser estranho: a sociedade vigente no qual estava inserida. Seria ela louca, ou o seriam todos os outros?

O filme “Garota, Interrompida” perpassa quase o tempo inteiro pela questão da normalidade associada à saúde. Numa passagem do filme, um personagem secundário relata que tem um amigo que via pessoas roxas, então o governo mandou interná-lo. Depois de um tempo ele disse que não via mais pessoas roxas e recebeu alta. A protagonista então pergunta se ele havia se curado, ao que o amigo responde que não, ainda as via. Ou seja, ele passou a ser considerado normal porque mentiu. Ele mentiu para ser igual a todos os outros que não viam pessoas roxas. Para Canguilhem (2006, p. 219):

Do ponto de vista da saúde e da doença, e, consequentemente, do ponto de vista da reparação dos acidentes, da correção das desordens, ou falando popularmente, dos remédios para os males, há a seguinte diferença entre um organismo e uma sociedade: é que, no caso do organismo, o terapeuta dos males sabe, de antemão e sem hesitação, qual é o estado normal que deve ser instituído, ao passo que, no caso da sociedade, ele o ignora.

Este trecho do livro *O normal e o patológico* demonstra justamente o questionamento sobre o saudável e o normal. Sabe-se o que é o normal para o indivíduo desajustado, mas não sabe-se dizer o mesmo para uma sociedade desajustada.

Neste contexto cabe falar da sociedade enquanto força instituída, pois existe todo um conjunto de regras do agir, do portar-se, arraigado no senso comum. No começo do século XX, Fauconnet e Mauss conceituaram instituição como um conjunto instituído de atos ou de ideias que os indivíduos encontram à sua frente e que se impõem mais ou menos a eles. Dentro de tal definição estão englobados tanto os costumes, os modos, os preconceitos e as superstições, quanto as constituições políticas ou as organizações jurídicas essenciais. (LAPASSADE, 1977)

Ao passo que observamos a sociedade enquanto instituição, podemos direcionar nosso olhar aos desajustados de maneira a ver excluídos, “anormais” ou podemos ver neles forças instituintes, dotadas de energia motriz de mudança, de quebra de paradigmas.

Acredito que um grande questionamento suscitado seja a institucionalização da loucura. A loucura passou a ser uma entidade, um ser, e não uma pessoa portadora de uma desordem, não um indivíduo único e todo o seu universo. O filme nos impacta justamente por mostrar todo o universo subjetivo e particular por detrás dos pacientes de um hospício. Nos leva a questionar quanta genialidade, quanta criatividade já pode ter sido (e certamente foi) sufocada pela normalidade imposta pela doença da sociedade em que estamos inseridos. Em outro trecho, Canguilhem (2006, p. 218), traz que:

[...] basta que um indivíduo questione as necessidades e as normas dessa sociedade e as conteste – sinal de que essas necessidades e normas não são as de toda a sociedade – para que se perceba até que ponto a necessidade social não é imanente, até que ponto a norma social não é interna, até que ponto, afinal de contas, a sociedade, sede de dissidências contidas ou de antagonismos latentes, está longe de se colocar como um todo. Se o indivíduo levanta a questão da finalidade da sociedade, não seria porque a sociedade é um conjunto mal unificado de meios, por falta justamente de um fim com o qual se identificaria a atividade coletiva permitida pela estrutura?

A partir do momento que o indivíduo põe em cheque a sociedade instituída, fica claro que esta não pode ser considerada um todo. E cada vez que podamos um

ser questionador da norma, taxando-o de insano e deslegitimando suas contestações, estamos sufocando uma força instituinte poderosa. No filme, a personagem principal é considerada por outra paciente do hospício como uma pessoa que vê além das outras, considera sua patologia como um presente, um dom. Ao longo da história da humanidade, quantos gênios, mártires, santos e personalidades vimos ser taxados de loucos, antes que fossem reconhecidos por seus talentos? Alguns nem sequer viveram pra ver essa retratação.

Acredito que cabe também refletir sobre o estigma da anormalidade e o quanto ser diferente, e isto pode incluir também possuir uma psicopatologia, e ser reconhecido à margem do conceito de normalidade causa ou agrava uma condição perturbadora e até mesmo doentia no indivíduo. Será que se respeitássemos e acolhêssemos, enquanto sociedade, as diferenças individuais inerentes a cada um, seríamos mais saudáveis? Acredito profundamente que sim. Corrobora com esta ideia CANGUILHEM (2006, p. 151), que diz que:

Para julgar o normal e o patológico não se deve limitar a vida humana à vida vegetativa. Em última análise, podemos viver, a rigor, com muitas malformações ou afecções, mas nada podemos fazer de nossa vida, assim limitada, ou melhor, podemos sempre fazer alguma coisa, e é nesse sentido que qualquer estado do organismo, se for uma adaptação a circunstâncias impostas, acaba sendo, no fundo, normal, enquanto for compatível com a vida.

Esta expansão do conceito de normalidade ao ponto de abranger toda a circunstância compatível com a vida, se adotada mais comumente, atuaria no sentido de reforçar a subjetividade em detrimento da patologização. Tornaria o indivíduo “normal” mesmo em uma condição adversa da maioria, o que, por sua vez, traria melhor condição de recuperação no caso de uma desordem, pois ele seria acolhido pela sociedade, ao invés de marginalizado e estigmatizado por ela.

Cabe a cada um de nós, enquanto futuros psicólogos, mas antes de tudo, como indivíduos, universos particulares, sermos questionadores, empáticos, filósofos da subjetividade. Nós que nos atrevemos à tarefa de tratar do outro, de entender o outro, estar com o outro, conhecer e reconhecer as nossas próprias verdades como fluidas, mutáveis e desconstruíveis. Para só então irmos atrás da nossa pretensão de conhecer e ajudar o próximo.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente ensaio buscou muito mais do que respostas, perguntar, questionar, dar vazão a uma inquietação que sempre possuí, através de uma cena extraída de um filme, que ao longo das pesquisas para este ensaio, descobri tratar-se de uma história real.

Acredito que as respostas destes questionamentos não são mais importantes do que a liberdade de questionar-se constantemente. Não pude deixar de pensar durante todo o filme, que se a história se passasse nos dias atuais, Susanna seria considerada uma jovem “normal”, exercendo sua liberdade sexual, de ideias e toda sua subjetividade. Tratando do filme, será que a personagem teria desenvolvido patologias se vivesse em outro contexto social? E hoje, enquanto futuros psicólogos, teremos nós condições de ver as “Susannas” nas Marias, Carolinas, Eunices que encontraremos? Teremos discernimento e empatia para vê-las, ou veremos *borderlines*, biopares, anoréxicas? Seremos nós, agentes das instituições ou eternas forças instituintes?

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANGUILHEM, Georges. **O normal e o patológico**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

GAROTA, Interrompida. Direção: James Mangold. Estados Unidos: Columbia Pictures, 1999. Disponível em: <<https://www.netflix.com/title/60000428>>

LAPASSADE, Georges. **Grupos, Organizações e Instituições**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.